



Associativismo ambiental como resposta à sustentabilidade e como contribuição educativa/interdisciplinar no âmbito da ecologia urbana

Environmental associativism as response to sustainability and as an educational/interdisciplinary contribution to scope of urban ecology

Media asociismo kiel respondo al daŭripovo kaj kiel eduka/interfaka kontribuo ene de la amplekso de Urba Ekologio

Delton Mendes Francelino⁵⁵

Resumo

Este artigo discute, de forma sucinta, o Associativismo Ambiental, compreendido como o ajuntamento de pessoas, em forma de coletivos, para o questionamento, proposição de novas metodologias, práticas/processos educativos (alternativos) que sejam capazes de alçar racionalidades e saberes ambientais que possam ser compreendidos como respostas à sustentabilidade. Embora este termo tenha sido recorrentemente considerado “esvaziado”, por sua apropriação equivocada por diversos setores da sociedade, sobretudo os empresariais, acredita-se que discuti-lo, inclusive no âmbito da Agenda 2030 ainda é um importante passo para um futuro mais digno para a humanidade, os ecossistemas e todas as outras espécies, muitas das quais ameaçadas de extinção. Entende-se que diante dos severos cataclismos ambientais e socioambientais avolumados nas recentes décadas, apenas as alternativas propostas pelos governos, de modo unilateral, não têm surtido o efeito esperado e que o Associativismo Ambiental, em diversas partes do globo, tem conseguido resultados significativos, ainda que com diferentes metodologias, ideologias e *práxis* sociais. Neste contexto, a Ecologia Urbana, ciência relativamente nova, e necessariamente interdisciplinar, pode encontrar importantes mecanismos de estudo e aplicação para o desenvolvimento de cidades mais ecologicamente equilibradas e justas a partir do olhar e do contato com o Associativismo Ambiental, representado por organizações de pessoas com os propósitos já mencionados. Por isso, defende-se que o Associativismo Ambiental, além de resposta à sustentabilidade, figura como importante contribuição para a Ecologia Urbana. Metodologicamente, acessou-se o site de três ONGs que podem ser compreendidas como associações livres de pessoas de cunho ambiental e socioambiental para compreender um pouco do universo do Associativismo ambiental. Como quadro teórico basilar, recorreu-se a estudiosos como Morin (2000), Capra (2009) (2005), Gadotti (2000), Guatarri (1989), Horkheimer (1976), Foucault (1994), Leff (2005), Mauss

⁵⁵ Coordenador do Centro de Estudos em Ecologia Urbana do IF Barbacena. Diretor do Instituto Curupira. Doutorando na UFMG em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (PPG-ACPS).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(1923), Hararari (2015) dentre outros. Como resultados, é possível dizer que a dinâmica de ONGs, coletivos de pessoas, que buscam e são construídas a partir dos anseios ambientais, ecológicos, ecosóficis, figuram como importantes estímulos para a manutenção da esperança por realidades futuras mais sustentáveis e que os governos, em todo o mundo, precisam adotar políticas de maior contato e valorização dessas organizações de pessoas, que têm figurado como verdadeiras trincheiras de resistência em praticamente todos os continentes do planeta.

Palavras-chave: ONGs. Ambientalismo. Cultura-educação. Ecologia. Urbanidades;

Abstract:

This article briefly discusses Environmental Associativism, understood as the gathering of people, in the form of collectives, for questioning, proposing new methodologies, educational practices / processes (alternative and not just formal) that are capable of reaching rationalities and environmental knowledge that can be understood as responses to sustainability. Although sustainability has been considered a “hollowed out” term, due to its misappropriation by various sectors of society, especially business, it is believed that discussing it, including within the scope of Agenda 2030 and the Paris Agreement, is still an important step for a more dignified future for humanity, ecosystems and all other species, many of which are endangered. It is understood that in view of the severe environmental and socio-environmental cataclysms that have swelled in recent decades, only the alternatives proposed by governments, unilaterally, have not had the expected effect and that Environmental Associations, in different parts of the globe, have achieved significant results, although with different methodologies, ideologies and social praxis. In this context, Urban Ecology, a relatively new and necessarily interdisciplinary science, can find important study and application mechanisms for the development of cities that are more ecologically balanced and fair from the point of view and contact with Environmental Associations, represented by organizations of people. For the purposes already mentioned. Therefore, it is argued that Environmental Associations, in addition to responding to sustainability, figure as an important contribution to Urban Ecology. Methodologically, the website of three NGOs was accessed, which can be understood as free associations of people of an environmental and socio-environmental nature to understand a little about the universe of environmental Associations. As a basic theoretical framework, scholars such as Morin (2000), Capra (1989) (2005), Guatarri (1989), Horkheimer (1976), Foucault (1994), Leff (2005), Mauss (1923), Harari (2015) among others, were used. As a result, it is possible to say that the dynamics of NGOs, collectives of people, who seek and are built from environmental, ecological, eco-friendly desires, appear as important incentives for maintaining hope for more sustainable future realities and that governments, all over the world, they need to adopt policies of greater contact and appreciation of these organizations of people, which have figured as true trenches of resistance in practically every continent on the planet.

Keywords: NGOs. Environmentalism. Culture-education. Ecology. Urbanities;



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Resumo

Ĉi tiu artikolo koncize diskutas Mediajn Asociojn, komprenatan kiel kunvenon de homoj, en formo de kolektivoj, por pridemandi, proponi novajn metodikojn, edukajn praktikojn/ procezojn (alternativajn) kapablajn levi mediajn raciecojn kaj sciojn, kiuj povas esti komprenata kiel respondoj al daŭripovo. Kvankam ĉi tiu termino estis plurfoje konsiderata "malplenigita", pro ĝia misuzo fare de diversaj sektoroj de la socio, precipe komercaj, oni kredas, ke diskuti ĝin, inkluzive en la medio de Agendo 2030, estas ankoraŭ grava paŝo al pli digna estonteco por homaro, ekosistemoj kaj ĉiuj aliaj specioj, multaj el kiuj estas endanĝerigitaj. Oni komprenas, ke konsiderante la severajn mediajn kaj sociajn ekologiajn kataklismojn, kiuj kreskis dum la lastaj jardekoj, nur la alternativoj proponitaj de registaroj, unuflanke, ne havis la atendatan efikon kaj ke Mediaj Asocioj, en diversaj lokoj de la tergloba, atingis gravajn rezultojn, kvankam kun malsamaj metodikoj, ideologioj kaj socia praktikado. En ĉi tiu kunteksto, Urba Ekologio, relative nova kaj nepre interfaka scienco, povas trovi gravajn studajn kaj aplikajn mekanismojn por la disvolviĝo de urboj pli ekologie ekvilibraj kaj justaj laŭ la vidpunkto kaj kontakto kun Mediaj Asocioj, reprezentataj de organizoj de homoj. por la celoj jam menciitaj. Tial oni argumentas, ke Mediaj Asocioj, krom respondi al daŭripovo, aperas kiel grava kontribuo al Urba Ekologio. Metodike oni aliris la retejon de tri NRO-j, kiuj povas esti komprenataj kiel senpagaj asocioj de homoj kun media kaj socia-media naturo por iomete kompreni pri la universo de mediaj Asocioj. Kiel baza teoria kadro, erudiciuloj kiel Morin (2000), Capra (2009; 2005), Gadotti (2000), Guatarri (1989), Horkheimer (1976), Foucault (1994), Leff (2005), Mauss estis uzataj (1923), Hararari (2015) inter aliaj. Rezulte, eblas diri, ke la dinamiko de NRO-j, kolektivoj de homoj, kiuj serĉas kaj estas konstruitaj el mediaj, ekologiaj, ekologiaj deziroj, aperas kiel gravaj instigoj por konservi esperon por pli daŭrigeblaj estontaj realaĵoj kaj ke registaroj, tra la tuta mondo ili devas adopti politikojn de pli granda kontakto kaj aprezo de ĉi tiuj homaj organizoj, kiuj aperis kiel veraj rezervejoj en preskaŭ ĉiuj kontinentoj de la planedo.

Ŝlosilvortoj: NROj. Ekologiismo. Kulturo-edukado. Ekologio. Urboj.

1 - Introdução

São muitos os desafios da sociedade contemporânea no que se refere à superação de problemáticas sérias de cunho ambiental, avolumadas, sobretudo, após a Segunda Guerra Mundial (1936-1945). Muitos dos impactos de origem antrópica à natureza têm relação com formas de pensamento, ação, racionalidades ambientais (LEFF, 2005) que vêm se firmando no fazer humano ocidental há milênios, calcados em saberes/modelos europeus de apropriação dos recursos naturais como parte da ideia colonizadora do mundo. Além disso, há de se destacar, como muito bem dizem autores como Horkheimer (1976), que essa racionalidade europeia, muito fortalecida a partir de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

modelos imperialistas e da própria Renascença, intensificou o ideal de domínio e controle da natureza e, porque não dizer, dos próprios seres humanos, como foi notado em diversos processos de colonização a partir do século XV, sobretudo. Nos séculos seguintes, em contraposição ao senso comum, e com o despontar do método científico baseado nos pressupostos de Descartes, por exemplo, na filosofia do intelectual médio moderno só existia

uma autoridade a saber: a ciência, concebida como classificação de fatos e cálculo de probabilidades. A afirmação de que a justiça e a liberdade são em si mesmas melhores do que a justiça e a opressão é, cientificamente, inverificável e inútil. Começa a soar como se fosse sem sentido, do mesmo modo que o seria a afirmação de que o vermelho é mais belo do que o azul, ou de que um ovo é melhor do que leite (HORKHEIMER, 1976, p. 32).

Com o despontar do método científico, aos poucos a humanidade passou a entender melhor diversos aspectos da natureza; os mitos começaram a ser mais questionados e o discurso do método da ciência, como mostra Foucault (1994), passou a ser um discurso de elaboração da própria realidade humana e de seu constante anseio pelo conhecimento, pela superação de mistérios e desafios. Esse despontar da ciência, ao longo dos séculos trouxe diversos avanços, desde o campo das ciências puras, como a Biologia, Química, Física, Astronomia, até a Medicina, e mesmo campos das humanidades. As tecnologias decorrentes dos processos científicos acabaram por favorecer também o aumento da qualidade de vida, que acarretou num crescimento vertiginoso da humanidade, mas que também alavancou os impactos ambientais gerados pelo *Sapiens*, algo nunca antes visto na história humana no planeta (HARARI, 2015). No entanto, com o passar dos séculos, o fazer científico, sobretudo os métodos, tornaram-se muito dissociativos e pouco integrativos (CAPRA, 2009), o que impediu importantes olhares sistêmicos sobre a realidade e sobre as demandas sociais e políticas existentes.

Nesse sentido, cabe aqui, distinguir dois campos de reflexão: 1) a humanidade evoluiu em termos científicos, tecnológicos e de saúde, favorecendo sua expansão como espécie, com várias populações pelo planeta; 2) Entretanto, essa dominação humana na Terra, e a apropriação da natureza como recurso e a espoliação de várias etnias



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

humanas, provocou (e ainda provoca) sérios problemas, que precisam ser entendidos em suas bases sistêmicas, com o objetivo de pensar-se e praticar-se uma sociedade de futuro que seja, de fato, sustentável e ecologicamente equilibrada. A ciência é fundamental, mas buscar uma ciência que seja mais cidadã, e sempre baseada em processos interdisciplinares, é elementar.

Neste estudo é intento refletir sobre saberes que, somados à ciência (como a Ecologia Urbana), possam torná-la mais cidadã, e que isso reverbere em possibilidades de engendramento de racionalidades ambientais que não sejam excessivamente dissociativas, mas integradoras. Aprende-se, na escola, por exemplo, e em outros diversos meios formais⁵⁶ de educação, conteúdos científicos de forma excessivamente separada, disciplinarmente. A experimentação e olhar crítico raramente são incentivados. No entanto, como asseveram Morin (2000) e Capra (2009), valores interdisciplinares, estabelecidos a partir de saberes/experiência/sabedorias baseados na vivência prática do mundo, são aspectos fundamentais para a superação dos dilemas contemporâneos da humanidade, e não necessariamente são encontrados apenas a partir de modelos governamentais de educação e sensibilização ambiental.

Por este motivo, o objetivo principal deste estudo é entender o Associativismo⁵⁷ Ambiental como resposta à sustentabilidade e possível caminho para o questionamento e superação de problemáticas socioambientais, ecológicas e ambientais graves, a partir de suas perspectivas e processos educativos, mesmo tecnológicos, diversos e muitas vezes inter e/ou transdisciplinares. Neste contexto, defende-se aqui também que o Associativismo Ambiental é uma contribuição direta à Ecologia Urbana, sobretudo por oferecer possibilidades de compreensão de diferentes experiências acerca da relação entre a humanidade, a Terra e o dilema das cidades contemporâneas.

⁵⁶ Entende-se como meios/procedimentos formais de educação as instituições que são coordenadas e legitimadas por setores governamentais. Por outro lado, meios/procedimentos não formais de educação são aqueles propostos por associações, coletivos de pessoas, ONGs, que não são coordenados por setores governamentais. No último caso existem as mais diversas ideologias e formas de entender e atuar no mundo.

⁵⁷ Para um entendimento mais elementar sobre o conceito geral de associativismo, recorreu-se ao disposto em UFSM (2018) e SEBRAE (2018).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Metodologicamente, para atingir tal objetivo, discussão será levantada, *a priori*, acerca do conceito de Sustentabilidade, relacionando o Associativismo Ambiental como contribuição para a construção de uma sociedade de futuro (MORIN, 2000), exemplificando brevemente a partir de três coletivos de pessoas que tenham essas características. Também é foco discutir as contribuições que o Associativismo Ambiental oferece à Ecologia Urbana, relacionando, também, as perspectivas dos ODS (Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável) dispostos na Agenda 2030 (ONU, 2015). Por fim, reflexão será feita acerca da Pedagogia da Terra/ Ecopedagogia (GADOTTI, 2000), e suas contribuições para a temática geral deste artigo. Teóricos como Morin (2000), Capra (2009; 2005), Castells (1999), Leff (2005), Horkheimer (1976), Foucault (1996), Castells (1999), Hararari (2015), Mauss (1923) e Guatarri (1989) serão basilares nos quadros reflexivos gerais do estudo.

2 - Desenvolvimento

2.1 - Sustentabilidade e Associativismo Ambiental: para além da utopia

Discute-se muito, na atualidade, as diferentes estratégias que a humanidade precisa adotar no sentido de uma atuação planetária que seja mais equilibrada, inteligente e sensível. A sustentabilidade tem sido compreendida como um dos maiores expoentes na busca pela redução dos impactos ambientais de origem antrópica ao planeta, aos ecossistemas, à diminuição das desigualdades sociais, nos últimos 50 anos, mas sempre sofreu (e ainda sofre) críticas por diversos setores da sociedade, sobretudo por certa hegemonia das discussões, ou ainda pela “financeirização da natureza” (MISOCZKY, M.C; BOHM, 2012), e das ideias de ambiente, economia e sociedade, apregoadas pelos modelos de desenvolvimento dos países ditos de “primeiro mundo”, e que fazem parte principal da tomada de decisões da cúpula da ONU.

Os eventos de característica ambiental, ocorridos entre os anos 70 e 90, foram fortemente marcados por perspectivas esperançosas de um século XXI (que estava chegando) no qual a humanidade pudesse ser mais sustentável, como se pôde notar desde a Conferência de Estocolmo (1972) e o relatório de Brundtland (1987), à Eco



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

1992 (1992, com a Agenda 21) e a própria Carta da Terra (1999), esta última fundamental para a Pedagogia da Terra.

Entretanto, nos últimos anos, documentos globais como o IPCC (Painel Climático Global/ 2017) e a Agenda 2030 (2015), e também eventos como a Rio + 20 (2012) e a COP 21 (2015), mostraram que há muito ainda o que se fazer. Na verdade, evidenciaram que, apesar de tamanha discussão nas décadas recentes, aspectos como a redução de áreas verdes, desmatamento, emissão de gases de efeito estufa, mudanças climáticas, desigualdade social (com persistência da fome e miséria) ainda se mantêm, inclusive com elevadas taxas de crescimento.

Nesse âmbito, uma pergunta pune: o que houve de positivo nesses últimos anos, dentro de toda essa discussão, pelo mundo, que seja capaz de lançar perspectivas de esperança de que realmente a humanidade possa caminhar, no agora e no futuro, para uma realidade na qual a sustentabilidade não seja apenas um termo “esvaziado”? Diante de outras vertentes propositivas, como mesmo a Ecologia Profunda, Desenvolvimento Leve, Decrescimento, é possível acreditar (e/ou defender) que a associação humana, seja entre a ciência e a política, seja entre os cidadãos e uma visão crítica de suas realidades a partir da educação, é capaz de conduzir o *Sapiens* rumo a um futuro menos conflituoso, entre si, como espécie, e em relação à biosfera?

Muitos são os teóricos que têm questionado a sustentabilidade, como se fosse um termo “vazio”. É possível, a partir de Horkheimer (1976), entender que a razão que existe por detrás desse pressuposto (desenvolvimento sustentável, que veio do campo da economia e administração, e não da biologia, ou ecologia) faz parte de um processo complexo de aculturação da ideia de natureza e desenvolvimento econômico, como se ambos pudessem caminhar juntos de forma totalmente equilibrada. O teórico defende, inclusive, que a própria ciência, aos poucos, passou a ceder à lógica do capital, não focando apenas na busca pelo conhecimento, a partir dos processos de estudo, mas se baseando excessivamente nos fins, sem a reflexão objetiva desses fins. Nesse sentido, o autor assevera o cuidado que a ciência precisa ter para não se tornar um instrumento de dominação, poder e exploração, excluindo outros saberes e diálogos necessários para



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a superação dos dilemas humanas e planetários da atualidade. Ao falar sobre a razão, Horkheimer (1976) defende que,

tendo cedido em sua autonomia, a razão tornou-se um instrumento. No aspecto formalista da razão subjetiva, sublinhada pelo positivismo, enfatiza-se a sua não-referência a um conteúdo objetivo; em seu aspecto instrumental, sublinhado pelo pragmatismo, enfatiza-se a sua submissão a conteúdos heterônomos. A razão tornou-se algo inteiramente aproveitado no processo social. Seu valor operacional, seu papel de domínio dos homens e da natureza tornou-se o único critério para avaliá-la. (HORKHEIMER, 1976, p.29).

A razão, como se vê, pode ser compreendida até mesmo como o fundamento para uma espécie de lógica de ação e condução de moralidades. O mundo e as pessoas apenas podem ser vistos, compreendidos, a partir da razão. Mas qual razão? A razão europeia? É notório, mesmo em estudos de Mauss (1923) que é um equívoco padronizar o mundo a partir de uma única racionalidade, como o capitalismo. Até mesmo sentidos e afetos, desprezados desde Platão (2002), não podem ser desconsiderados no fazer científico, na busca pela sustentabilidade e nas práticas educativas. E é nesse âmbito que Mauss (1923) argumenta que a sociedade, embora procure, cerque o indivíduo, ou indivíduos, de acordo com normas e valores pré-estabelecidos, ainda assim há abertura para um

curioso estado de espírito, no qual se misturam o sentimento dos direitos que ele possui e outros sentimentos mais puros – de caridade, de “serviço social”, de solidariedade. Os temas da dádiva, da liberdade [...] reaparecem em nós como um motivo dominante, há muito esquecido (MAUSS, 1923, p. 298).

Nesse sentido, ainda, Foucault (1994) contribui para entender as formações discursivas que existem nos mais diversos sistemas de entendimento e ação das pessoas no mundo. O autor defende que sistemas de pensamento são definidos, não raras vezes, como estruturas insuplantáveis, por grupos de pessoas detentoras de estruturas de poder que muitas vezes são excludentes e opressoras. Destaca, ainda nos anos 1970, que a problemática não pode ser traduzida com facilidade, e que os discursos se colocam diante das variações e múltiplas interpretações das realidades, nas quais,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

o problema não se coloca mais nesses termos, não estamos mais na verdade, mas na coerência dos discursos, não mais na beleza, mas nas complexas relações de formas. Trata-se, atualmente, de saber como um indivíduo, um nome, pode ser o suporte de um elemento ou grupo de elementos. (FOUCAULT, 1994, p.73).

A sustentabilidade é apenas um discurso, ou seriam vários discursos, surgidos a partir de um único discurso? Retornando a Horkheimer (1976), é possível pensar a sustentabilidade como uma dessas estruturas, construídas, em parte, por uma espécie de indústria cultural capitalista, que normatiza e define o que é meio ambiente, como as pessoas devem viver e atuar nele. Não à toa, foram os países de “primeiro mundo”, desenvolvidos, sob a lógica do capital, quem tinham maior poder de decisão nos primeiros eventos com foco na sustentabilidade.

Atualmente, a ONU é mais democrática e oferece mais espaço de voz para nações subdesenvolvidas, e por isso a discussão acerca da sustentabilidade, por exemplo, a partir da Agenda 2030, tem tomado outras dimensões, que nos anos 1960 e 1970 não seriam possíveis. Todavia, a sustentabilidade ainda é um desafio se pensada num âmbito global; num patamar de mais equitativo de discursos, nos quais micropolíticas, cosmovisões locais, geradas dentro de comunidades, ONGs, escolas, universidades, por artistas, cientistas, estudantes, habitantes em geral da Terra, sejam geradas, motivadas, alavancando as possibilidades e trincheiras de esperança (HARVEY, 2004).

Como resposta aos desafios discutidos até aqui acerca da sustentabilidade, o Associativismo Ambiental, que teve a gênese principalmente nos movimentos de contracultura dos anos de 1960 e de 1970, figura como uma das mais significativas perspectivas para um desenvolvimento humano que seja também um desenvolvimento crítico socioambiental e efetivamente aberto às multiplicidades, e interdisciplinaridade que caracterizam as pautas de luta contemporâneas pela mudança de comportamento humano na Terra. Denomina-se, neste estudo, como Associativismo Ambiental, quaisquer articulações de pessoas, associações, ONGs, dentre outros, que tenham propósitos coletivos e focados para as questões ambientais e socioambientais. Nesta



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pesquisa, o foco são coletivos que tenham ações que possam ser consideradas educativas; que favoreçam a sensibilização e estímulos para o pensamento ambiental (MORIN, 2000). Apenas três organizações serão citadas brevemente como forma de exemplificação.

Foram diversas ONGs surgidas e (que ainda estão surgindo), num perfil interessante de questionamento e proposição de valores, saberes e práticas ambientais, com significativa associação de direitos ambientais, de cunho coletivo, ressignificação da natureza, do espaço, do tempo, da cultura, dos direitos ambientais, do urbano e do ser coletivo. Pesquisa prévia evidenciou que grande parte dessas articulações de pessoas em prol de causas comuns, apresenta forte relação com a cultura e com o uso de espaços públicos (seja para manutenção de suas sedes ou pontos de encontro, movimentos de rua, manifestos; seja para a implementação de projetos e ações de questionamento e proposição, por exemplo).

Interessante destacar que muitos, senão a maioria desses coletivos, apresentam importantes pressupostos educativos, alternativos e baseados em saberes e racionalidades localizadas, mas que muitas vezes passam a ser globalizadas (LEFF, 2005), como se nota, por exemplo, em casos de associações e ONGs como o Greenpeace (EUA), Instituto Curupira (Brasil) e o Instituto Akatu (Brasil)⁵⁸, dentre outros. Abaixo, seguem fragmentos de textos contidos em seus sites atuais. A disposição dos fragmentos extraídos do site é baseada pela ordem alfabética dos nomes das ONGs:

Estamos há 26 anos no Brasil confrontando o desmatamento ilegal na Amazônia, indústrias do petróleo e de energia nuclear, produtores de transgênicos e projetos que ameaçam o meio ambiente e as comunidades tradicionais (...) **Nossa luta é para que não existam retrocessos que abalem a nossa sobrevivência e vida neste planeta.** Para isso, contamos com a estrutura dos nossos três escritórios em locais que **nos permitem atuação de formas efetivas, visando problemas locais e melhorias para a população** (GREENPEACE, 2020, s/p; grifos nossos);

[...]

⁵⁸ Optou-se por apenas 3 coletivos de pessoas neste artigo em função do tamanho do mesmo e para que a discussão teórica fosse mais aprofundada, relacionando relevantes teóricos do campo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Projeto do Instituto Akatu, o Edukatu é a primeira rede de aprendizagem sobre os **conceitos e práticas do consumo consciente e da sustentabilidade para alunos e professores do Ensino Fundamental de todo o Brasil**. Nesta plataforma, há materiais pedagógicos exclusivos (vídeos, reportagens, planos de aula, atividades, jogos, etc.) distribuídos em circuitos temáticos para professores e estudantes explorarem. Além disso, a plataforma possibilita que escolas troquem ideias e **compartilhem informações** com outras escolas. (INSTITUTO AKATU, 2019, s/p, grifos nossos)

[...]

Compreendendo a **educação como um processo complexo, baseado em aspectos culturais e de fortalecimento de valores, costumes, afetos e estímulos**, o Instituto Curupira também desenvolve processos educativos baseados **no conhecimento científico, popular e cidadão, sempre enaltecendo a formação humana como uma formação não dissociada da natureza, do meio ambiente e dos princípios fundamentais da ecologia**. Tudo isso sempre transdisciplinarmente associado às diversas ações da instituição, da formação e capacitação de crianças, adolescentes e adultos para a vivência com o planeta e o universo, até a promoção de eventos de percepção crítica socioambiental. (INSTITUTO CURUPIRA, 2019, s/p; grifos nossos).

Nos fragmentos acima, e nos termos em grifo, é possível notar a perspectiva educativa, ou socioeducativa, dos três coletivos de pessoas, inclusive o âmbito multidisciplinar que apresentam em suas ações e projetos. Nota-se, inclusive, o intento de associar perspectivas inovadoras de sensibilização e questionamento ambiental, muitas vezes como tecnologias, de educação alternativa, não formal, que contribuem para processos de ensino- aprendizagem dentro de contextos de escolas (formais). Esse Associativismo Ambiental, liberto de pressupostos governamentais, e dos engendramentos típicos desse setor da sociedade, aos olhos deste estudo, é um rico recurso para pesquisa e entendimento/ estímulo para outros olhares sobre o mundo e sobre a mudança de comportamento ambiental humano na Terra. É, então, uma das possíveis, e efetivas, respostas à sustentabilidade, tão apregoada nos últimos tempos.

2.2 - Associativismo Ambiental como contribuição para a Ecologia Urbana e para pressupostos da Agenda 2030



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A Ecologia Urbana é uma ciência relativamente nova e também é interessante, para este estudo, pois está diretamente associada ao mesmo contexto que deu o “pontapé” mais contundente ao ambientalismo, ecologismo e associativismo. A humanidade dobrou em quantidade de pessoas apenas nos últimos 40 anos (RICKLEFFS; RELYA; 2016) aumentando a pressão sobre os recursos naturais, sobre a morfologia urbana e a dinâmica das cidades, segurança alimentar, áreas verdes, dentre tantos outros aspectos ambientais. Trata-se de um campo científico necessariamente plural, que busca propor alternativas, metodologias, para o entendimento ecológico dentro do contexto urbano, entendendo as cidades como partes de ecossistemas; ou como ecossistemas, e não âmbitos exógenos dos fatores naturais planetários (FORMAN, 2015).

A Ecologia por muito tempo tem sido compreendida como uma ciência exclusivamente biológica; entretanto, a Ecologia Urbana, é necessariamente interdisciplinar (FORMAN, 2015), e por isso, e pelas dificuldades notadas, é tão importante, neste estudo, oferecer contribuições para este campo. Como é possível que se entenda os impactos ambientais e ecológicos provocados pela humanidade à natureza, aos ecossistemas, entendendo a dinâmica das sociedades e suas relações com a natureza, dentro das cidades, que são o maior expoente cultural e símbolo de desenvolvimento humano da história? Toda cidade está dentro de um bioma, de um ou vários ecossistemas e entender isso como fator precípua para a conservação da natureza e para qualidade de vida das pessoas é elementar (FORMAN, 2015).

A Ecologia Urbana carece de mais estudos que busquem partir do fator humano, do entendimento dos âmbitos sociais; das relações e estruturas socioambientais de forma sistêmica (CAPRA, 2009); das condições culturais da sustentabilidade do desenvolvimento (LEFF, 2005). Muitos ainda desconhecem a profundidade da área, ou sequer ouviram falar dela. Relacionar a Ecologia Urbana às perspectivas de entendimento do Associativismo Ambiental na atualidade pode figurar como rica contribuição para o mundo acadêmico, em diversas áreas. É possível notar, por exemplo, que países e cidades nos quais a sociedade organizada discute e pressiona o poder público em relação a questões ambientais, são locais que acabam desenvolvendo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

modelos de qualidade de vida, e atração de investimentos, de fato sustentáveis. Em contrapartida, países e cidades que não possuem movimentos ambientais e que, assim, há escassa discussão nesse sentido, apresentam péssima qualidade de vida (como é perceptível em nações Sul Americanas, Africanas e mesmo Asiáticas).

Alguns estudos em Ecologia Urbana nas últimas décadas buscam favorecer melhores condições ambientais e ecológicas dentro das cidades para os seres vivos em geral. Mas poucos têm se voltado para uma percepção mais cultural, sistêmica (CAPRA, 1989) das relações e racionalidades ambientais humanas; para percepções que associem conhecimentos, processos educativos alternativos ambientais e ecosóficis, por exemplo, que sejam capazes de alçar possibilidades de mudança de comportamento humano (FRANCELINO, 2017). E mudar comportamento parte necessariamente da mudança de racionalidades, de saberes e práticas (MORIN, 2000).

Aqui, a pesquisa se fortalece em termos de inovação e contribuição acadêmica: se os cataclismos ambientais e ecológicos já em curso previstos, incluindo a elevada taxa de extinção de espécies e as mudanças climáticas, têm como fator desencadeador exatamente (e exclusivamente, como mostram 98% dos cientistas) a própria humanidade, significa que é preciso mudar o comportamento humano global. Logo, propostas de mudança de perfil de atuação e compreensão ambiental, que são antropológicas em essência (MORIN, 2000), têm sido muito bem desenvolvidas por movimentos alternativos, associativos de pessoas em diversas partes do planeta; verdadeiras trincheiras de resistência (CASTELLS, 1999), geradoras de identidades questionadoras do fazer e atuar antropológico no mundo. A Dádiva proposta por Mauss (1923), ainda na primeira metade do século XX, agora se mostra mais importante ainda e, talvez, seja uma das mais fortes soluções (já em curso) para as problemáticas ambientais locais e globais. Valores diferentes que engendrem nas práticas sociais percepções da natureza, da humanidade e do meio ambiente como uma rede de conexões integrativas, e não dissociativas, são fatores basilares para um desenvolvimento que não compreenda as experiências e existência humanas na Terra a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

partir da ideia econômica do capital, mas por outros vieses, mais calcados na sistemicidade e multiculturalidade (CAPRA, 2005; MORIN, 2000).

Os ODS (Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável), propostos pela Agenda 2030 (ONU, 2015), evidenciam o caráter inter e transdisciplinar das pautas ambientais e ecológicas, entendendo as ações humanas em relação à própria espécie, como ações que precisam ser reconfiguradas, transformadas. Nesse contexto, o Associativismo Ambiental figura como resposta ao que se deseja em termos de sustentabilidade, sobretudo pelo caráter ampliado das questões e urgências ambientais, econômicas e sociais, e por suas características de resiliência e multiplicidade de tecnologias e práticas, saberes e racionalidades. É possível afirmar que essas características de ideologia e prática, de vários desses coletivos de pessoas mundo afora favorecem o despontar de projetos de resistência e resiliência (CASTELLS, 1999) socioambientais que muito corroboram para a construção de um mundo menos injusto socialmente, mais equitativo e ecológica e ambientalmente equilibrado.

Dentre os 17 ODS (ONU, 2015), é possível depreender que pelo menos 14 deles (destacados abaixo) são diretamente buscados, e construídos, por exemplo, a partir de muitas das ações e projetos dessas articulações de pessoas, inclusive as exemplificadas acima, como o Greenpeace, o Instituto Akatu e o Instituto Curupira, que desenvolvem ações locais e também globais.

ODS: 1 – Erradicação da Pobreza; 2 – Fome Zero e Agricultura Sustentável; 3 – Saúde e bem estar; 4 – Educação de qualidade; 5 – igualdade de Gênero; 6 – Água potável e saneamento; 10 – redução das desigualdades; 11 – Cidades e comunidades sustentáveis; 12 – Consumo e produção responsáveis; 13 – Ação contra a mudança global do clima; 14 – Vida na água; 15 – Vida Terrestre; 16 – Paz e instituições eficazes; 17 – Parcerias e meios de implementação. (ONU, 2015, s/p).

É interessante, e importante frisar, o caráter interdisciplinar evidenciado nesses ODS, e na própria Agenda 2030. No entanto, será possível, até o ano de 2030, alcançar-se esses objetivos? Quais metodologias podem ser capazes de realmente mudar a antropocêntrica humana (MORIN, 2000), conduzindo ao desenvolvimento pleno desses



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável? E é aqui, a partir dessas inquietações, que a Pedagogia da Terra/ Ecopedagogia se constrói: pensar o mundo a partir da diversidade de possibilidades de construção de novas realidades ambientais, tendo a Terra como Paradigma, e a educação como cerne de todo processo de mudança de comportamento e de culturas.

2.3 – Pedagogia da Terra como estímulo para a mudança do comportamento e racionalidade ambientais humanas

A Era da Informação que caracteriza a sociedade contemporânea (CASTELLS, 1999), trouxe muitas configurações diferentes de relacionamento entre as pessoas. Guatarri (1989), em “As Três Ecologias”, já discutia que a sociedade do século XXI precisaria ser uma sociedade que conciliasse os saberes da Terra aos saberes do homem (de forma integral), e que a modernização poderia ser um aspecto dificultador para essa associação, que é natural, complexa, mas que pode ser estruturalmente alterada a partir da lógica do capital. Os movimentos ambientais da década de 1990 conduziram a uma série de perspectivas e propostas que buscavam construir essa sustentabilidade tão discutida nas décadas anteriores. Uma dessas perspectivas é a Pedagogia da Terra, ou Ecopedagogia, que pode ser entendida como

um movimento social e político [...] e que pode ser entendida diferentemente de expressões como ‘desenvolvimento sustentável’ e ‘meio ambiente’[...] existe uma visão capitalista do desenvolvimento sustentável e do meio ambiente que, por ser antiecológica, deve ser compreendida como uma armadilha. (GADOTTI, 2000, p.90).

A Pedagogia da Terra, portanto, é um movimento pedagógico crítico, mas não baseado apenas como um estímulo e prática, métodos e ações, dentro do campo formal de educação. É uma pedagogia para a vida, para a existência e coexistência humana que sejam baseadas na Terra como paradigma. Por isso também é compreendida como Ecopedagogia, ou seja, é uma proposta para uma mudança paradigmática, processual; um



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

movimento social e político que surge no seio da sociedade civil, nas organizações tanto de educadores quanto de ecologistas e de trabalhadores, empresários, preocupados com o meio ambiente. A sociedade civil vem assumindo a sua cota de responsabilidade diante da degradação ambiental, notando que apenas por uma ação é integrada é que essa degradação pode ser combatida. (GADOTTI, 2000, p. 91).

Os coletivos, de causa ambiental e socioambiental, inclusive os citados anteriormente, nas recentes décadas têm sido responsáveis por profundas transformações na forma como as sociedades pelo planeta têm entendido e significado a lógica capitalista, por exemplo, que tende a valorar as pessoas e a natureza a partir de seu valor de mercado (MISOCZKY; BOHM; 2012). Isso significa uma nova busca antropoética, que Morin (2000) caracteriza como um repensar acerca da tríade indivíduo/sociedade/espécie, entendendo o *Sapiens* como um ser vivo que faz parte de uma teia ecológica indissociável e complexa; uma teia de sistemas vivos (CAPRA, 2005), que uma vez desconsiderada provoca impactos ambientais severos.

As organizações de pessoas, mundo afora, portanto, têm figurado como importantes sustentáculos críticos para essa lógica do desenvolvimento sustentável excessivamente baseado na financeirização da vida e dos processos que marcam a vida na Terra. Grupos de pessoas que se associam, a partir de pressupostos de luta, de querências, lutas e experiências comuns, com pauta ambiental, voluntariamente, têm sido elementares, por exemplo, na atual discussão brasileira acerca do desmatamento da Amazônia (e outros biomas) e dos severos retrocessos ambientais notados.

Os movimentos sociais e populares e as organizações não governamentais têm alertado os governos e a própria sociedade sobre os danos causados ao meio ambiente e aos humanos por políticas públicas anti-sustentáveis. Foram as ONGs que mais se empenharam nos últimos anos para superar os problemas causados pela degradação do meio ambiente [...] e têm assumido um papel cada vez mais reconhecido, não apenas de lutas pelas causas populares mas pelo fortalecimento da sociedade diante do Estado e do Mercado. (GADOTTI, 2000, p. 91).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

É possível, então, afirmar-se que o Associativismo Ambiental tem permitido e buscado uma pedagogia para o desenvolvimento sustentável; *práxis* baseadas em modelos alternativos de compreensão das realidades e de construção de tecnologias e saberes que sejam capazes de lidar diretamente com as problemáticas surgidas desse panorama secular de espoliação provocada pelo capitalismo. Sem uma atuação pedagógica efetiva voltada para uma alfabetização ecológica (CAPRA, 2009), para razões e sentidos ambientais (GUATARRI, 1989) que reflitam sobre como os governos humanos poderão ser elaborados e construídos para a qualidade de vida de todos os povos, de todos os seres, também dentro dos contextos urbanos, dificilmente será possível alcançar o que defendem a Agenda 2030 (ONU, 2015) e mesmo o Acordo de Paris (2017).

3 – Aspectos conclusivos

Por fim, recorrer ao que disse Leonardo Boff (1996), quando afirmou, com base na visão da Terra surgida a partir da era espacial (fortalecida nos anos 1960), que o mundo humano passava a entender a sua dimensão integralista e cósmica; e que isso precisaria gerar uma ecologia integral, que partisse de uma nova visão do planeta e da própria humanidade. Hoje, no século XXI, a sociedade global é resultado de uma variedade de importantes e significativas transformações surgidas muito recentemente, que podem ser parte de uma transição paradigmática, como defendem alguns teóricos, que conduzirá o homem para um modo de entendimento das suas ações na Terra nunca antes visto.

Embora, não raras vezes, seja difícil crer nessa transformação, o Associativismo Ambiental, como uma Pedagogia da Terra, e para a Terra, figura bem mais que uma trincheira de resistência, liberta e pulsante em várias partes do planeta. É um verdadeiro espetáculo da evolução social humana e, talvez, a última esperança de futuro de nossa espécie e da natureza que ainda existe e resiste nesse bonito e raro planeta azul.

4 – Referências



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

BOFF, L. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. Editora Carta da Terra, 1996.

CAPRA, F. **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. Ed: Cultrix, São Paulo, SP, 2005.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**, Cultrix, 2009.

FORMAN, R.T.T. **UrbanEcology: Science of cities**. Cambridge University Press. Ed. 2, 2015.

FOUCAULT, M. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de pensamento**. Org. Manoel de Barros da Mota. Editora Forense Universitária. Rio de Janeiro, 1994.

FRANCELINO, D.M. **Infinitas Estações: um livro manifesto pela mudança do homem e pelo respirar da natureza**. Editora Bartlebee, JF, 2017. Disponível em <https://bit.ly/3bLWO4r>. Acesso em 08 de outubro de 2020.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. 4ª edição. Editora Peirópolis, São Paulo/SP, 2000.

GREENPEACE. **Tudo sobre o Greenpeace - História, luta e ativismo**(2020). Disponível em www.greenpeace.org/. Acesso em 12 de setembro de 2020.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.

HARARI, Y, N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. PA: L&PM, 2015.

HARVEY, D. **Espaços de esperança**, Ed. UFMG, 2004.

HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. Tradução Sebastião Uchoa Leite. R.J: Ed. Labor, 1976.

INSTITUTO AKATU. **Instituto Akatu** (2019). Disponível em <https://www.akatu.org.br/>. Acesso em 12 de setembro de 2020.

INSTITUTO CURUPIRA. **Conheça o Instituto Curupira** (2019). Disponível em <https://institutocurupirae.wixsite.com/institutocurupira>. Acesso em 12 de setembro de 2020.

LEFF, E. **Saber ambiental, sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 2. ed. Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 2005.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Trad.: António Filipe Marques. Lisboa: Edições 70, 1923.

MISOCZKY, M.C; BOHM, S. **Do desenvolvimento sustentável à economia verde: a constante e acelerada investida do capital sobre a natureza**. Cadernos EBAPE.BR/FGV, v. 10, nº3, Rio de Janeiro, RJ, 2012.

MMA (Ministério do Meio Ambiente. Brasil). Agenda 21; Eco 1992. Disponível em <https://www.mma.gov.br/areas-protegidas/unidades-de-conservacao/o-que-sao/itemlist/category/107-agenda-21.html>. Acesso em 22 de setembro de 2020.

MMA (Ministério do Meio Ambiente. Brasil). COP 21; Acordo de Paris. Disponível em <https://www.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas/acordo-de-paris>. Acesso em 23 de setembro de 2020.

MMA (Ministério do Meio Ambiente. Brasil). Rio +20 e educação ambiental. Disponível: <https://www.mma.gov.br/informma/item/8447-educa%C3%A7%C3%A3o-ambiental-na-rio-20>. Acesso em 21 de setembro de 2020.

MMA (Ministério do Meio Ambiente. Brasil). Sobre o Painel Climático Global (2017). Disponível em <https://www.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas.html>. Acesso em 22 de setembro de 2020.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Edições UNESCO Brasil, 2000.

ONU. Acordo de Paris (2017). Disponível em <https://news.un.org/pt/tags/acordo-de-paris>. Acesso em 17 de setembro de 2020.

ONU. **Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em 18 de setembro de 2020.

PLATÃO. **A república**. São Paulo: Martin Claret; 2002.

SEBRAE. **O que é o Associativismo?** Portal SEBRAE, 2018.

UFSM. **Cartilha do Associativismo** (2018). Disponível em <http://w3.ufsm.br/estudosculturais/arquivos/incubacaocartilhas/CARTILHA%20ASSOCIATIVISMO.pdf>. Acesso: 13 de agosto de 2020.

Recebido em: 08/10/2020

Aprovado em: 15/12/2020

Publicado em: 28/12/2020